



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC**

**AGRICULTORES URBANOS
A produção de farinha em Uarini**

Bolsista: Silvio Ricardo da Silva Rocha, CNPq

MANAUS – 2010



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC**

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/059/2009

**AGRICULTORES URBANOS
A produção de farinha em Uarini**

**Bolsista: Silvio Ricardo da Silva Rocha, CNPq
Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Witkoski**

Silvio Ricardo S. Rocha
Bolsista – CNPq

Pro. Dr. Antonio Carlos Witkoski
Orientador

MANAUS – 2010

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. O MUNICÍPIO DE UARINI E A PRODUÇÃO DE FARINHA.....	6
1.1 Uarini e sua estrutura.....	6
2. A PRODUÇÃO DE FARINHA E SEUS DILEMAS.....	15
2.1 Agricultores urbanos e o modo de produção.....	15
2.2 A agricultura e as dificuldades encontradas.....	22
3. AGRICULTORES URBANOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA UARINI.....	33
3.1 A agricultura no contexto urbano e rural.....	33
3.2 A farinha do Uarini como uma dimensão cultural, o caso da Festa da Farinha....	36
CONCLUSÃO.....	41
CRONOGRAMA.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	43

A formação de uma identidade amazônica é um dos grandes assuntos abordados pelo meio acadêmico nos dias de hoje. A própria conceituação do morador local da Amazônia é um tema que sempre gera calorosos debates com antropólogos, sociólogos, entre outros. Caboclos, ribeirinhos, pescadores, camponeses, caboclo-ribeirinhos, populações tradicionais são algumas das categorias que comumente são utilizadas nos trabalhos científicos. Mas, para pensar uma identidade amazônica, é necessário levar em consideração alguns fatores, como por exemplo, não há somente uma identidade amazônica, o que existe é um conjunto de fatores externos e características que fazem com que determinada população seja categorizada como pescadores ou agricultores. O problema em definir uma identidade amazônica unificada, se é que isso é possível, acaba se mostrando um assunto difícil de resolver, ou mesmo que não tem solução, já que, dependendo do ponto de vista do pesquisador, uma determinada população pode ser uma coisa, porém, do ponto de vista dessa população, eles se autoidentificam como outra coisa.

Neste sentido, verificaremos como a produção de farinha de mandioca no município de Uarini localizado no estado do Amazonas gerou uma categoria de análise com características singulares, podendo ser considerada como uma conceituação da população local, ou, pelo menos, parte dela, que é a categoria chamada neste relatório parcial de “Agricultores Urbanos”.

No primeiro capítulo, apresentaremos o município de Uarini para efeito de localização geográfica, para depois caracterizar socio-economicamente os agricultores urbanos, além de mostrar a maneira tradicional de fabricação da farinha, herdada dos ancestrais ameríndios dos agricultores urbanos, desde o plantio até a o beneficiamento da mandioca para a produção da farinha.

No segundo capítulos mostraremos quais são os fatores econômicos e culturais que de alguma forma influencia direta ou indiretamente a produção de farinha em Uarini, f atores como o comércio, condições de trabalho, parceria entre órgãos governamentais entre outros.

No terceiro capítulo apresentarei o papel social dos agricultores urbanos no município de Uarini, qual o papel deles na economia e na vida cultural do município, através principalmente da Festa da Farinha, realizada anualmente e que possui extrema importância para os agricultores urbanos.

1. O município de Uarini e a produção de farinha

1.1 Uarini e sua estrutura

O município de Uarini está localizado na região do triângulo Jutai/Solimões/Juruá, na microrregião centro amazonense a 570 km em linha reta de Manaus, estado do Amazonas. Seu território é de 10.246 km², limitando-se com os municípios de Alvarães, Juruá, Fonte Boa, Maraã e Tefé.

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000), a população do município é de aproximadamente 10.254 habitantes, residindo 3.552 na área urbana (34,6%) e 6.702 na área rural (65,4%).



Figura 01 – Vista frontal da cidade de Uarini.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.



Figura 02 – Vista frontal da cidade de Uarini.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Nota-se, pelos dados apresentados, que 2/3 terços da população de Uarini vivem no mundo rural, o que significa uma diferença de 30,8%. Esse dado indica que, quando consideramos os dados do censo nacional de outros municípios, Uarini apresenta uma singularidade em seu processo de urbanização, tendo em vista que, nas grandes cidades, há uma variação entre 75,0% a 80,0% da população que vive na zona urbana e 20,0% a 25,0% da que viveu no campo. Nesse caso, Uarini se diferencia pelo número maior de habitantes na zona rural.

Ainda de acordo com as informações do IBGE, Uarini possui maior densidade demográfica na zona rural (65,36%), sendo que a zona urbana possui 34,64%. A divisão por gênero nos indica maior número de habitantes do sexo masculino (51,27%) e (48,73%) do sexo feminino na zona urbana. Este percentual não apresentou mudanças com relação à zona rural, sendo a população masculina superior numericamente (51,98%) a feminina (48,02%).

Aspecto cultural não menos importante, em Uarini, é o fator migratório entre os agricultores urbanos e com ele as permanências e as mudanças na cidade. De acordo com Freitas (2003), a análise do processo migratório se constitui em uma reflexão das reconstruções imaginárias que fazem os migrantes rurais da cidade e da re-elaboração no modo de vida e suas determinações nas possíveis reconstruções de suas identidades. Ele percebe que, no processo migratório campo/cidade, ou rural/urbano, os migrantes criam novos referenciais simbólicos de vida.

Notamos que a maioria dos entrevistados nasceu no município de Uarini (55%), porém isso não significa que eles tenham nascido na sede do município, pelo contrario, quase todos entrevistados nasceram na zona rural de Uarini e por algum motivo foram morar na sede municipal.

Entre aqueles que não nasceram em Uarini, notamos que o principal local de nascimento dos entrevistados é a cidade de Tefé (20%), localizada relativamente próxima a Uarini, outros municípios que foram citados foram Fonte Boa e Juruá ambos com 10% e Maraã com 5%

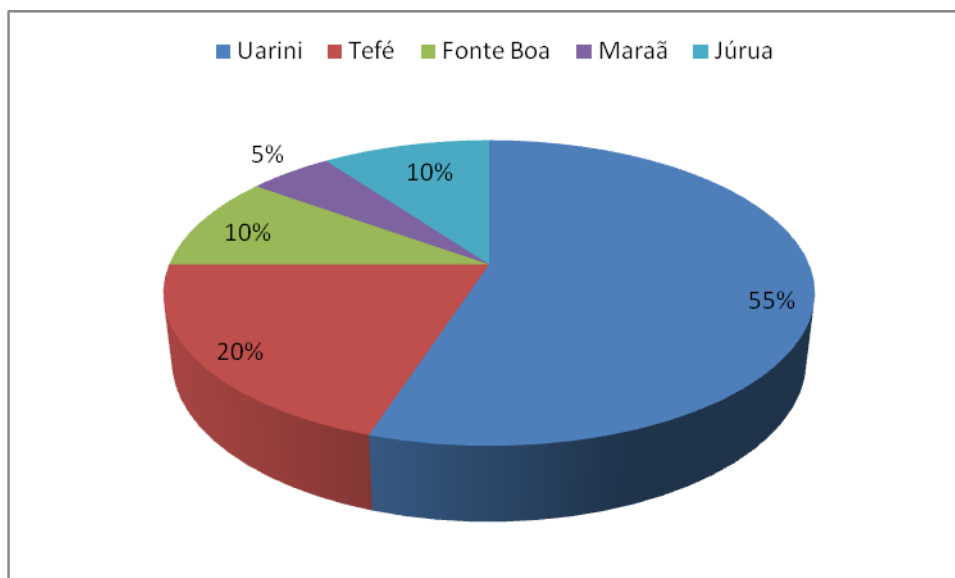


Figura 03 – Local de nascimento (%).

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Conforme argumenta Freitas (2003), os fatores causadores da migração são, em geral, as dificuldades existentes no local de origem – dificuldades relacionadas com as condições de trabalho, moradia, renda, bem estar social, etc.

É importante evidenciar que o processo migratório humano está relacionado direta e indiretamente com a qualidade de vida do indivíduo e/ou grupo social que migra, principalmente com questões relacionadas com o mundo do trabalho e com as condições materiais e simbólicas que alicercem a vida da própria família.

Verificamos que entre os principais motivos dos agricultores urbanos para migração para a sede de Uarini foi a mudança com a família (40%) ou porque vieram ainda pequenos com os pais ou porque vieram acompanhado ou o esposo ou a esposa, no caso de um deles ser de Uarini. Outras respostas citadas foi o fato de que vieram para Uarini em busca de trabalho (33%), ou de melhores condições de estudos para os filhos (13%) ou então em busca de melhores condições de vida, em relação a infraestrutura básica, água, luz e saúde (7%).

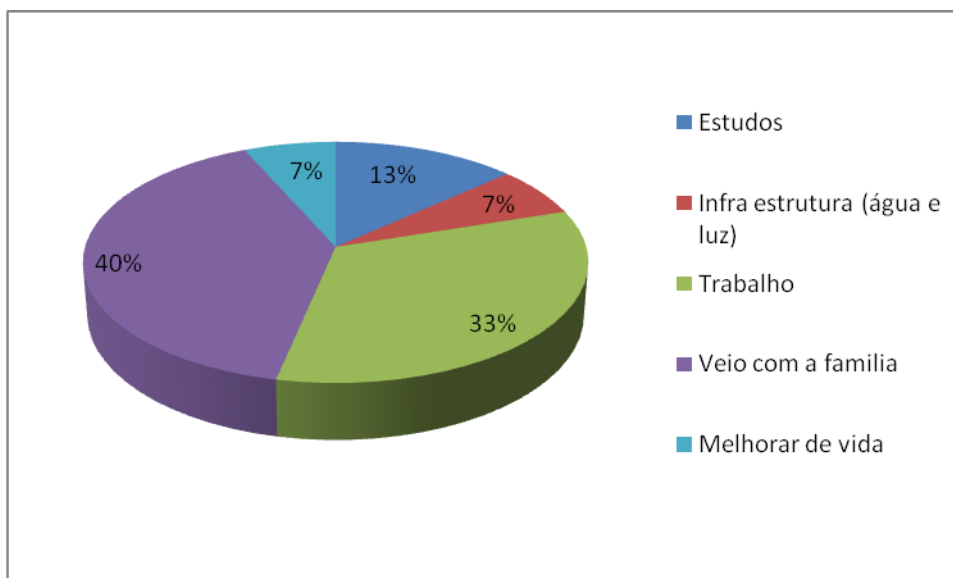


Figura 04 – Motivos para migrarem (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Os agricultores urbanos entrevistados estão situados na sua maioria, como podemos ver no gráfico abaixo, entre a faixa etária de 41 a 60 anos, e também na faixa etária de mais de 60 anos, representado 35% dos entrevistados cada uma, também notamos que a faixa etária de 21 a 40 anos está representada por 30% dos entrevistados. Todos são casados e pais ou mães de famílias.

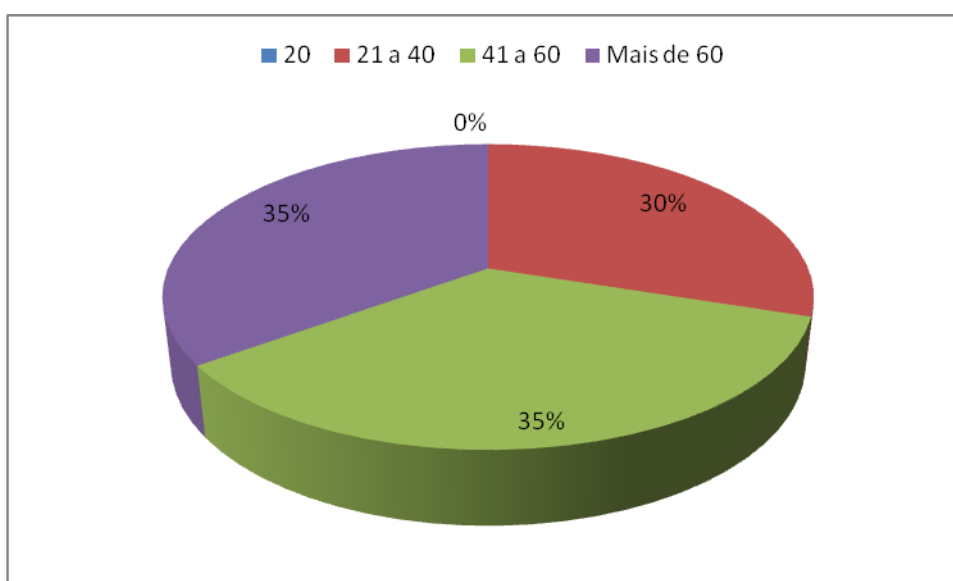


Figura 05 – Idade dos agricultores urbanos (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Podemos notar que, metade das residências agricultores urbanos que foram entrevistados, são habitadas por uma a cinco pessoas, formando seguindo a linha da média de habitantes por residência que normalmente são encontradas nos municípios do interior do estado. Notamos que somente 20% das residências são habitadas por mais de dez pessoas, entre filhos e agregados. Apesar de que a grande maioria das residências seja habitada por famílias nucleares, com pai, mãe e filhos, é comum também entre os agricultores urbanos entrevistados morarem com agregados (71%), ou seja, outros tipos de parentes como cunhados, primos, irmãos entre outros.

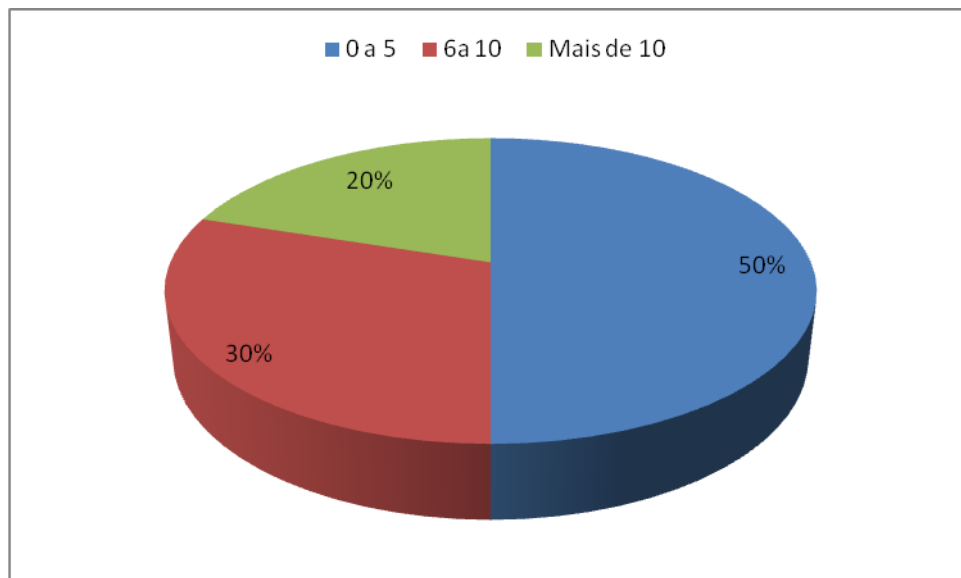


Figura 06 – Quantidades de pessoas que habitam as residências dos agricultores (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Em relação a renda média dos agricultores urbanos notamos que grande parte dos entrevistados recebem uma faixa de 1 a 2 salários mínimos mensais (45%), outra grande parte da população recebe de 2 a 3 salários mínimos (35%), vale ressaltar que essa média diz respeito ao ano todo e está relacionada a outras fontes de renda como aposentadoria ou outro tipo de auxílio como bolsa família, nos meses em que a produção de farinha, a média da renda dos agricultores sobe consideravelmente, mas somente por um curto período de tempo,

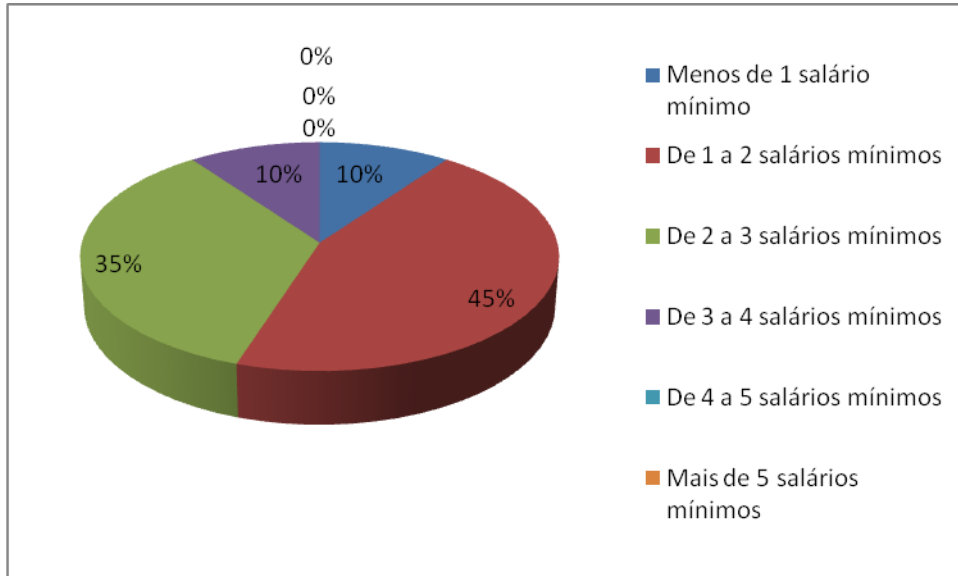


Figura 07 – Renda média dos agricultores (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Na cidade de Uarini, as ocupações têm sido frequentes, inúmeras habitações surgem com precárias condições de saneamento e infraestrutura. Dessa forma, tem-se em Uarini um espaço que indica uma qualidade de vida obviamente inadequada para os padrões de habitação coerentes com um plano de organização social do espaço e moradia nas cidades e comunidades rurais

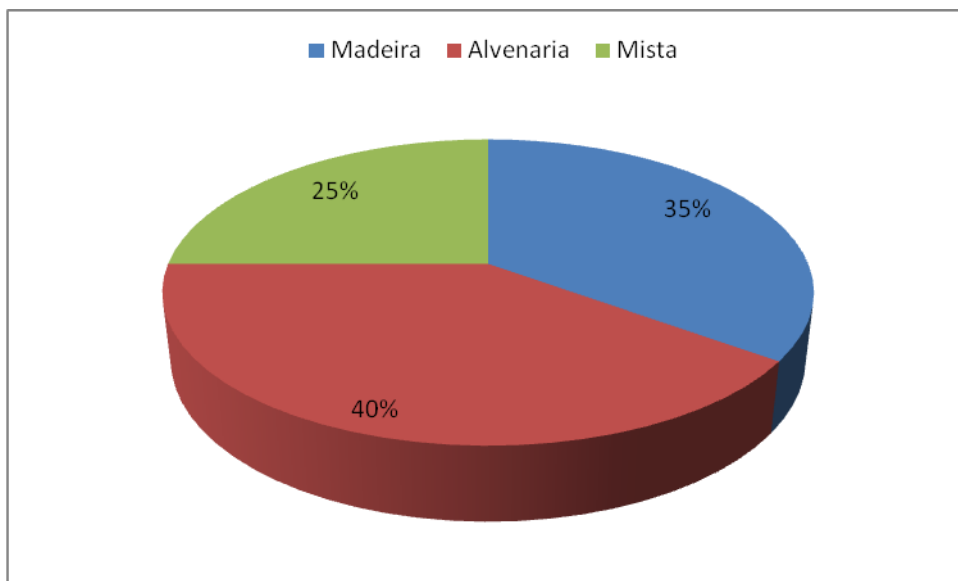


Figura 08 – Forma de construção (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Podemos notar com o gráfico acima 40% dos agricultores urbanos possuem suas casas construídas em alvenaria, 35% possuem casas de madeira, e 25% possuem casas mistas, ou seja, construídas das duas maneiras, em alvenaria e madeira. A predominância de casas construídas em alvenaria contrapõe a ideia comum que a grande maioria das casas da população do interior do estado são feitas de madeiras devido a abundancia de matéria prima, primeiramente temos que levar em consideração que as casas de alvenaria, apesar de requererem mais recursos financeiros para ficarem pronta, proporcionam mais conforto aos agricultores urbanos, dessa forma, se eles possuem condições financeiras para construí-la em alvenaria, assim eles farão.

Uarini possui uma rede de equipamentos sociais insuficiente, tal como na maioria dos municípios do estado do Amazonas. As escolas, postos de saúde, delegacias, sistemas de abastecimento de água, energia elétrica e comunicação não atendem de maneira satisfatória à demanda populacional urbana. O saneamento básico e o tratamento do lixo são serviços que deixam a desejar, tendo em vista os danos causados ao meio ambiente e à saúde pública. A demanda pela instalação destes serviços é urgente, pois está estritamente vinculada à melhoria da qualidade de vida das populações locais.

A noção de saneamento básico, tanto no mundo urbano quanto no mundo rural, está vinculada à prestação de serviços de abastecimento de água potável, coleta e tratamento de esgoto, controle de pragas e qualquer tipo de agente patogênico, visando à saúde e qualidade de vida das sociedades humanas. Estes serviços podem ser prestados por empresas estatais ou públicas, sendo essencial para a sustentabilidade dos ecossistemas e de toda a sociedade (SOUZA & PRATA & NOBRE, 2005).

Entre as formas do saneamento básico, estão o tratamento de água, a canalização e tratamento de esgotos, a limpeza pública de ruas e avenidas, a coleta e tratamento de resíduos orgânicos regularizados em aterros sanitários, etc. Com estas medidas, é possível garantir

melhores condições de saúde para as pessoas, evitando a contaminação e proliferação de doenças e, ao mesmo tempo, garantindo a preservação do meio ambiente.

Em Uarini, os agricultores urbanos afirmaram não possuir uma rede de esgotamento sanitário adequada, sendo que fazem uso de banheiros instalados em fossas rústicas. Percebe-se dessa maneira que a grande maioria dos domicílios do município não possui acesso à rede geral de esgoto. O acesso ao esgotamento sanitário é precário, e, por falta de recursos financeiros para a construção da fossa séptica, os moradores utilizam mais a fossa rústica. Dessa forma, o esgotamento sanitário dessas famílias é realizado por meio de fossas rústicas, construídas pelos próprios moradores.

Em relação ao abastecimento de água e de luz, todos os entrevistados afirmaram utilizarem a rede de abastecimento público, ou seja, o Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAAE), no caso da água, e a CEAM, no caso da energia.



Figura 9 – Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAAE)

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O modelo educacional de Uarini também é reflexo da disparidade encontrada na grande maioria das pequenas cidades brasileiras, haja vista a necessidade de investimentos na construção de escolas e contratação de recursos humanos. A tentativa de atender às demandas para o ensino fundamental e médio sem que haja aportes materiais e humanos para esta

destinação tem prejudicado a inclusão de vários alunos no sistema educacional. Esta realidade se faz presente, sobretudo, nas zonas rurais (comunidades) desses municípios, tendo em vista a pouca oferta de professores e escolas de nível médio, sendo esta uma das principais razões para o deslocamento das populações para as zonas urbanas.

Entre os agricultores urbanos podemos notar que 75% dos entrevistados estudaram em algum momento da vida e que 25% não chegaram a frequentar a escola, o que chega até ser um dado animador visto que grande parte dos agricultores de uma forma geral são pessoas que por algum motivo não frequentaram a escola em nenhum momento da vida, sendo semi-analfabetos ou analfabetos.

Entre aqueles que afirmaram que não estudaram, entre os principais motivos para não o terem feito foi o fato de que tinha que trabalhar e por isso não podiam ou não tinha tempo para estudar (40%), outros motivos também foram citados como o fato de que não tinha dinheiro para comprar material escolar ou então o simples fato de que não existia escola onde eles moraram durante a infância.

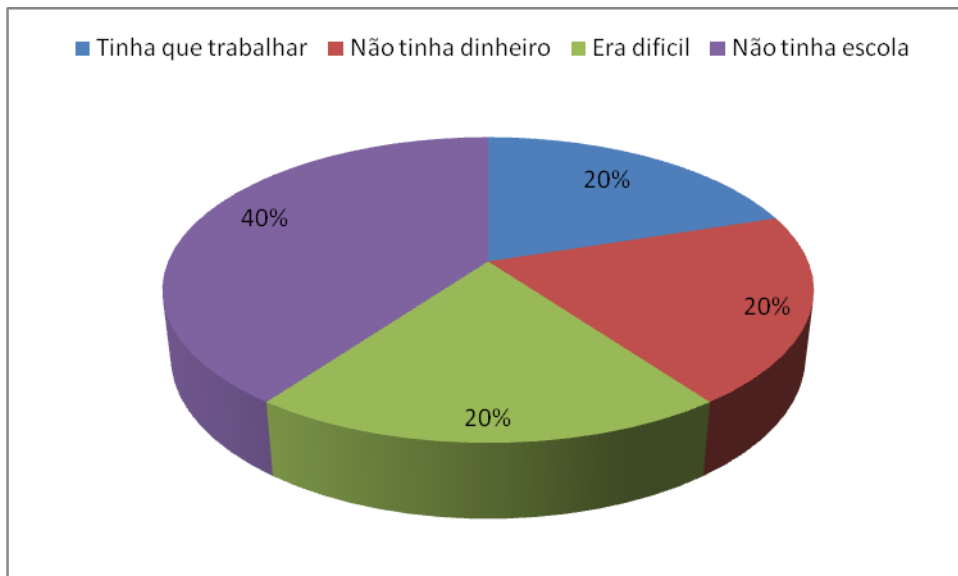


Figura 09 – Motivos para não estudar (%).

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Entre aquele que afirmaram que estudaram, verificamos que a grande maioria concluiu ou não o Ensino Fundamental (67%), somente uma pequena parte dos entrevistados chegou ao Ensino Médio, concluindo ou não este (27%), verificamos também que entre os agricultores urbanos que foram entrevistados existem também aqueles que freqüentam ou freqüentam o Ensino Superior (6%), mesmo essa parcela sendo mínima e representando somente uma pessoa.

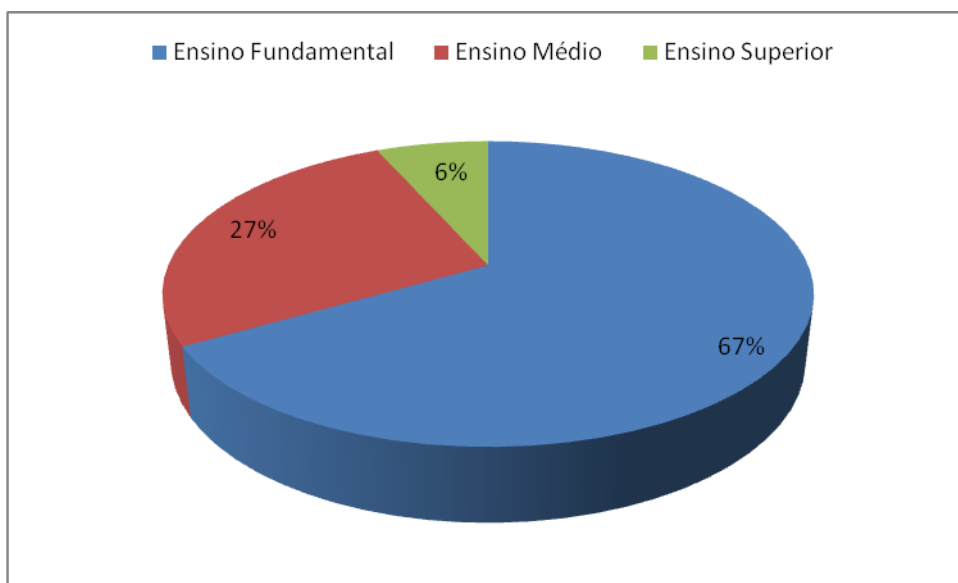


Figura 10 – Nível escolar (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

2 A produção de farinha e seus dilemas

2.1 Agricultores urbanos e o modo de produção

O mundo do trabalho que constitui as relações de produção da vida material e simbólica entre os grupos sociais na Amazônia é marcado historicamente pela importância dos saberes locais e práticas tradicionais que há muito contribuem para a organização racional de seus espaços de trabalho, de mundo vivido e de representações sobre o ambiente. Assim, as atividades de produção de determinada sociedade constituem uma dimensão

importante de seu contexto social marcado pelo processo de trabalho implementado, pela relação entre a constituição de suas forças produtivas e da subsunção à natureza.

O amazônida desempenha um conjunto de atividades socioprodutivas no mundo do trabalho rural que, em função de suas práticas, podemos classificá-los de polivalentes. Sua prática fica evidente nas atividades socioprodutivas que desenvolvem: o plantio da mandioca (*Manihot esculenta*) visando quase exclusivamente à produção da farinha, o extrativismo de produtos madeireiros (construção de benfeitorias), o extrativismo não madeireiro (coleta da castanha principalmente) e extrativismo animal (precipuamente a pesca, e secundariamente a caça). Esse conjunto de atividades lhe dá legitimidade de se autoafirmarem agricultores polivalentes e, ao mesmo tempo, lhes dá legitimidade para demandar terras visando nela trabalhar e promover sua reprodução social.

Mesmo diante de tanta diversidade em relação aos recursos produtivos, nesse artigo tomaremos como objeto de análise, o plantio da mandioca para a produção da farinha e suas implicações na vida subjetiva e prática daqueles que a produzem, ou seja, os agricultores urbanos. A mandioca é o principal produto agrícola cultivado no município de Uarini. O seu cultivo, juntamente com a produção do seu principal derivado, a Farinha do Uarini, dinamiza a economia da cidade e dos municípios adjacentes.

Assim como em todo o estado do Amazonas, em Uarini, as heranças indígenas no modo de produção da farinha desde o plantio da mandioca, passando pela maneira tradicional de beneficiamento, até o momento da venda da produção, são bastante fortes.

Nesse ponto, podemos comentar um pouco sobre a realização dessas etapas na produção da farinha no município de Uarini, já que, mesmo que a sua produção, de uma forma geral, siga um padrão mais ou menos consolidado, em Uarini há alguns fatores que acabam destacando a farinha produzida lá, devido a sua qualidade, em detrimento das que encontramos em outros municípios do Amazonas.

Em Uarini, apesar de haver áreas onde o plantio da mandioca é realizado na várzea, discutiremos a produção realizada em terra firme pelos agricultores urbanos que são os produtores que moram na sede urbana do município, sendo que essa categoria será discutida mais adiante.



Figura 11 – Roça dos agricultores urbanos.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009

Ainda falando sobre a maneira herdada dos indígenas no cultivo da mandioca, tanto as que são plantadas na várzea, quanto na terra firme possuem basicamente as mesmas características, porém com algumas poucas diferenças como o tempo de plantio que na várzea é menor quando comparado com a terra firme devido ao fato de que, com a cheia dos rios se aproximando, é preciso antecipar a colheita. Outra diferença diz respeito às etapas de preparação do solo para o plantio da mandioca, já que, na terra firme temos algumas etapas que, na várzea não temos como a derrubada, que como o nome já diz consiste na derrubada da mata para deixar a área onde vai ser feita a roça “limpa” para poder ser feito o plantio.

Depois de feito o plantio, vem a colheita da mandioca, que, como adiantamos, na várzea acontece mais ou menos seis meses depois de realizado o plantio devido a cheia dos rios, porém, na terra firme, esse período aumenta para cerca de um ano ou um pouco menos, vale a pena lembrar que, desde a preparação do solo, do plantio e colheita da mandioca, a maneira como se realizam essas etapas é basicamente as mesmas que os indígenas faziam e ainda fazem hoje em todo o estado do Amazonas.

As heranças deixadas pelos indígenas são inúmeras não só no Amazonas, mas também em todo país, mas aqui elas se mostram com mais intensidade. A população de Uarini, assim como de quase todos os municípios do Amazonas, é formada por uma mistura de raças em que predomina a indígena, fazendo com que as heranças deixadas pelos ancestrais façam parte do dia-a-dia da população, essas heranças podem ser verificadas em várias dimensões da vida da população como na maneira de realizar as suas atividades produtivas (caça, pesca, agricultura, criação de animais, etc.), passando pela vida religiosa entre outras dimensões.

A etapa seguinte à colheita é o beneficiamento da mandioca para ser transformada em farinha, uma das mais importantes para os agricultores, em que o trabalho, na maioria das vezes, é realizado ao lado da família.

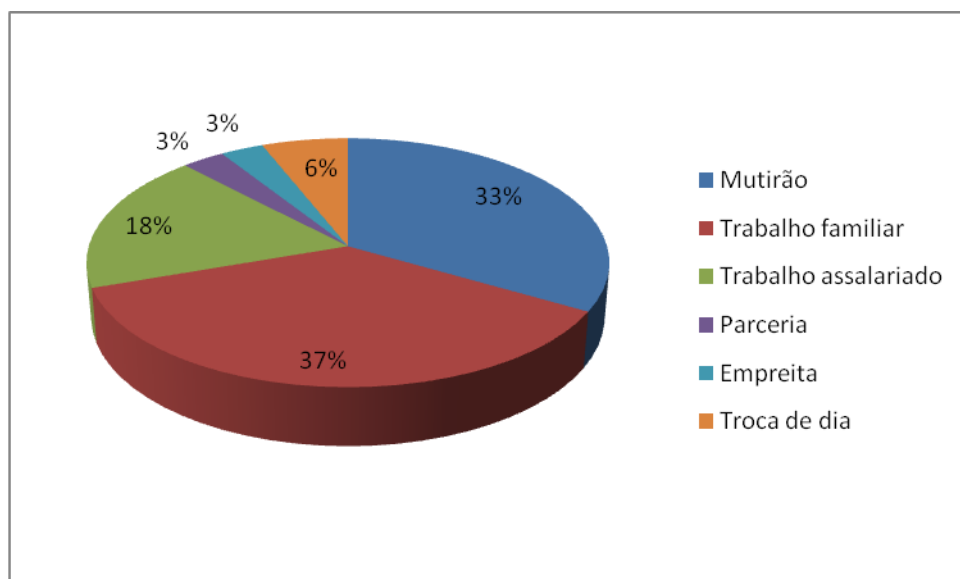


Figura 12 – Formas de trabalho no plantio (%).

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

As relações sociais de trabalho que se realizam durante a produção de farinha também merecem uma breve análise. Quase sempre todo o preparo da área onde vai ser realizada a roça é feito através do trabalho familiar ou através das relações de ajuda mútua¹, como o mutirão, parceria e a troca de dia; amigos, vizinhos ou conhecidos em geral, ajudam o dono da roça na preparação do terreno sem receber dinheiro em troca, o dono da roça se compromete somente a fornecer a alimentação dos trabalhadores que o ajudam. Porém, mesmo que não haja o pagamento em dinheiro aos que ajudam o dono da roça, ele fica comprometido moralmente a ajudar aquele que o ajudou quando este for preparar a sua roça. As organizações sociais informais como essa que descrevi formam uma das instituições mais consolidada na vida do agricultor amazônico, não há papel assinado ou algum contrato, obrigando-o a ajudar aquele que o ajudou, porém ele está preso moralmente a ajudá-lo, caso não ajude ele fica comprometido com o restante da comunidade, fica com “má-fama”. Já a colheita e o beneficiamento são realizados basicamente com o trabalho familiar, também foi verificado o uso da diária, onde é preciso pagar, em dinheiro, alguém para ajudar na colheita.

¹ De acordo com Noda *et. all* (1997), as relações de ajuda mútua denominadas regionalmente de mutirão, ajuri ou puxirum, apresentam-se como o produto das necessidades econômicas dos agricultores de várzea e/ou de terra firme. Dão-se através de sentimentos profundos de pertença a um grupo familiar, a processos de contra/mobilidade ou resistência à expropriação, efetivada pelos agentes sociais capitalistas, representados nos lugares onde habitam os ribeirinhos pelos diversos agentes da comercialização.

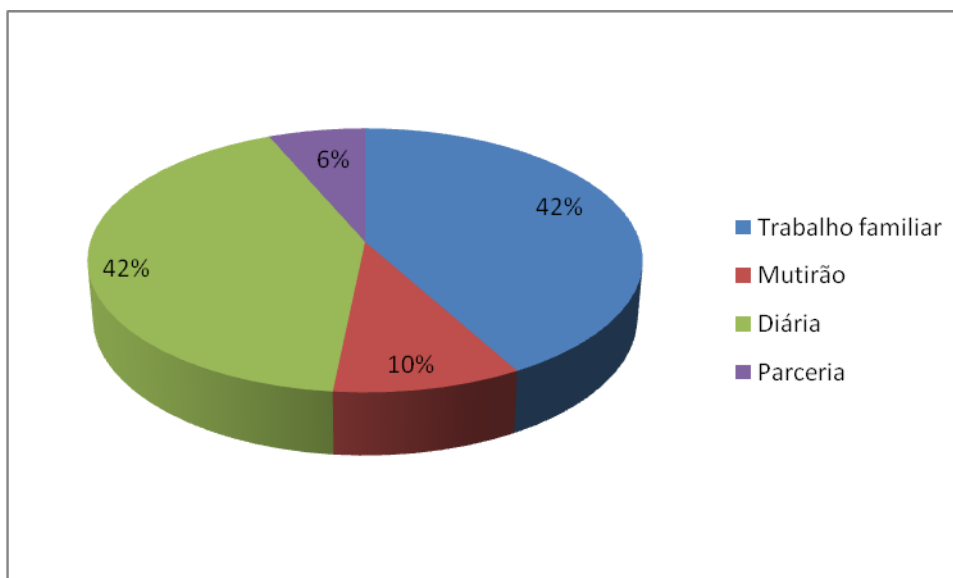


Figura 13 – Formas de trabalho na colheita (%).

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O beneficiamento da mandioca é realizado nas casas de farinha, local onde quase todas as etapas da produção da farinha são realizadas, sendo um local bastante importante na vida do agricultor já que é de lá que vai sair toda a produção a ser comercializada, ou seja, mais do que simbolicamente, na prática, é da casa de farinha que vai sair o sustento da família do agricultor.



Figura 14 – Agricultor realizando uma das etapas de do beneficiamento da farinha.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009

Ela representa uma extensão da casa de morada, dada a sua importância. É comum muitos agricultores passarem todo o dia nas casas de farinha, trabalhando em alguma etapa do beneficiamento da mandioca, indo para suas casas somente no período da noite para dormir.

Assim como a roça, a casa de farinha representa um dos locais mais importantes na propriedade camponesa amazônica, é na roça que nasce tudo aquilo que vai promover o sustento da família, desde frutas, hortaliças ou mesmo a mandioca, o milho entre outros, assim como é do quintal que vai sair à carne necessária para diversificar a alimentação, que é basicamente formada por peixes, através da criação de animais como frangos, patos e suínos. Na casa de farinha, não se planta nada, mas é nela que é possível fazer a transformação da mandioca no principal produto da vida econômica do agricultor, que é a farinha.

Em Uarini, é durante o beneficiamento da mandioca que são feitas as etapas que diferenciam a farinha produzida lá das que são produzidas em outros lugares, devido ao

tratamento extremamente artesanal pelo qual a farinha tem que passar para poder ficar com a forma de pequenas esferas perfeitas, que é a chamada farinha “ova”.

Diferentemente de outros tipos de farinha a farinha “ova” é caracterizada, como já afirmamos, pelo seu formato de pequenas esferas, sendo que esse efeito é devido a fato de os agricultores passarem mais tempo e tendo mais trabalho na etapa de beneficiamento, principalmente no momento de dá forma a farinha, já que nessa etapa é comum os agricultores de outro municípios, ou até mesmo de Uarini, fazerem rapidamente dando à farinha um formato irregular.

A farinha ova é bastante apreciada na região como melhor farinha do Amazonas, porém devido ao grande trabalho que tem que ser empregado pelo agricultor para sua produção, ela acaba tendo um preço mais elevado no mercado quando comparado com a farinha produzida em outros lugares devido à excelente qualidade apresentada. Porém, mesmo tendo esse preço mais alto no mercado, ela é bastante consumida pelos amazonenses em geral.

2.2 A agricultura e as dificuldades encontradas

É impossível pensar a produção de farinha em Uarini sem levar em consideração alguns fatores econômicos e socioculturais de direta ou indiretamente influência a produção no município.

Como já afirmamos, os agricultores urbanos de Uarini moram na própria sede do município e não em sua área rural. Em razão disso, notamos que o quintal urbano é também um lugar onde são realizadas as plantações de culturas permanentes. Notamos, assim, que os agricultores de Uarini contemplados na pesquisa utilizam tanto áreas das suas residências – seus quintais urbanos – como áreas relativamente distantes, que se localizam, principalmente, ao longo da estrada Agrícola Uarini/Copacá.

A cultura temporária é marcada pelo amplo cultivo da mandioca e pelo pouco cultivo de outras espécies, o que acaba tornando a mandioca a principal cultura agrícola do município. Além disso, como sabemos, a farinha produzida em Uarini é conhecida em todo estado do Amazonas e fora dele, em razão de suas intrínsecas qualidades – o que se relaciona diretamente como a forma artesanal de sua fabricação.

Outro elemento que merece ser destacado é o fato de que, normalmente, o cultivo da mandioca é realizado em terreno próprio, a grande maioria dos agricultores urbanos possui seus roçados na estrada Agrícola Uarini/Copacá, porém não exclusivamente nessa área. Os entrevistados de Uarini desenvolvem duas práticas ordinárias distintas e complementares: no primeiro caso, deslocam-se às áreas de seus cultivos, todos os dias, com o caminhão da prefeitura municipal de Uarini, em parceria com a Associação dos Produtores Rurais do município de Uarini (AMPROU), para realizar os mais diferentes trabalhos – derrubada, queimada, encoivramento, broca, plantio, etc., caminhão que hoje se encontra em manutenção e não tem previsão pra voltar a funcionar, já que a prefeitura, responsável pela sua manutenção alega não possuir recursos para fazê-la.

Segundo os agricultores:

Se a gente tivesse dinheiro em caixa, mesmo que fosse da associação, pra pagar o motorista pro caminhão, o caminhão depende da prefeitura, a agente sempre dependeu, quando era no tempo do Franquinho, o Franquinho dava o motorista, dava a caminhão, dava tudo direitinho, agente só ficava sem esse caminhão na estrada quando quebrava um pela e tinha que esperar vir de Manaus, demorava dois dias, três dias pra chegar a peça ou então até montar né, no máximo passava quatro dias sem o caminha, agora ele passa dois meses sem ir na estrada desde quando passou pra outra administração, o caminhão passou a ir agora, passou praticamente o ano todo parado, porque o prefeito alegou que tinha pego o caminhão esculhambado. (M. A. M; agricultora, 2010)

No segundo caso, deslocam-se igualmente com o caminhão da prefeitura municipal de Uarini e ficam dias trabalhando em suas áreas, o que varia segundo as necessidades do plantio, colheita e a fabricação da farinha, e depois retornam às suas casas em Uarini.

Em relação as áreas produtivas dos agricultores urbanos notamos que grande parte não possui a documentação de propriedade da área, ou seja, não são donos de fato da área onde trabalham, somente uma pequena parte dos entrevistados afirmaram possuir documentos de propriedade dos terrenos.

Entre os que afirmaram não possuir a documentação, o principal motivo foi o fato de trabalharem em áreas coletivas, áreas que pertencem a outra pessoa da família, ou foram deixada de herança para os parentes trabalharam, entre os outro motivos para não terem a documentação da propriedade está o fato de que o processo de titulação ainda esta em andamento, ou porque trabalha em terras indígenas, ou terras que já possuem donos que não são familiares ou mesmo não sabem o motivo, mesmo que esses agricultores não sejam os donos da terra de direito, o são de fato, já que trabalham na terra já a um considerável tempo, a maior parte dos agricultores entrevistados trabalha na área de 1 a 10 anos (47%), outra parte trabalha de 11 a 20 anos (35%) e 18% trabalham a mais de 21 anos na área.

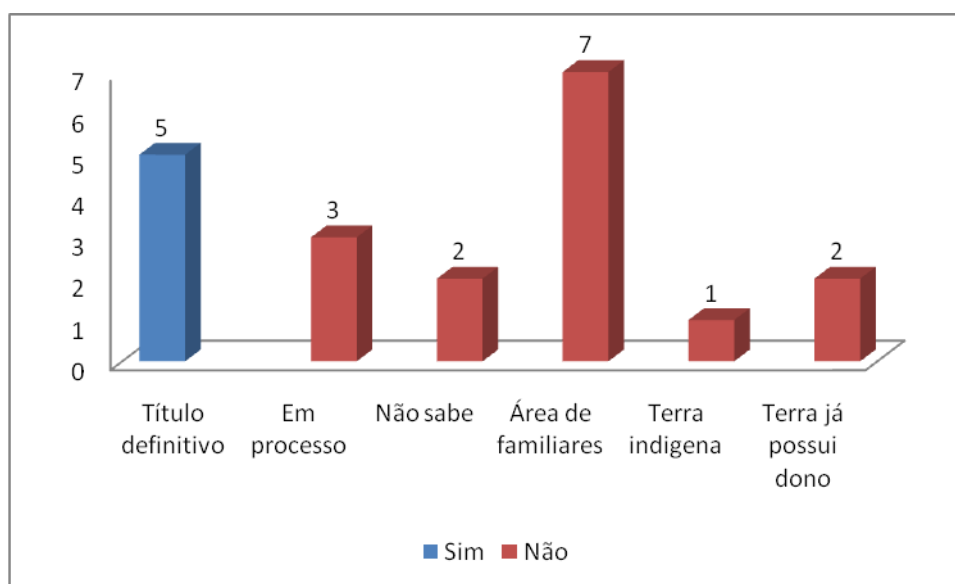


Figura 15 – Titulação e motivos para não possuírem titulação da área (%).
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Entre os agricultores urbanos, parece haver a necessidade de melhorar a terra, o principal motivo se deu em razão de que é preciso melhorá-la para obter uma produção mais significativa, tanto em qualidade como em quantidade. Outra razão para se melhorar o solo se

deve ao fato de que o seu uso ordinário acaba por esgotá-lo, o que implica, às vezes, a necessidade de praticar, nos solos esgotados, o pousio. A prática do pousio, como estratégia de recuperação da fertilidade do solo, implica o fato de deixar a terra em descanso. Afirmam os agricultores que, assim como o homem necessita do descanso diário para repor suas forças, a terra, depois de “trabalhar” certo tempo, também necessita de descanso para reaver sua vitalidade. A analogia entre o descanso necessário à vida humana e à vida da terra – trabalhada pelo homem – pode ser traduzida como respeito entre dois seres que possuem vidas distintas e complementares, numa relação quase simbiótica e que explica, em muito, a dimensão simbólica e representativa do ambiente trabalhado, mantendo vínculos e crenças que destoam da dimensão que configura a relação de produção, característica do sistema de produção capitalista, a irracionalidade lógica da produção pela produção sem uma relação sensível ao uso dos recursos naturais, o que torna tão característico em grupos sociais rurais na Amazônia, a crença circunscrita entre o ideal e o material.

Para uma boa produção tanto em qualidade quanto em quantidade é extremamente necessário a ajuda dos órgãos da esfera pública. Entre os agricultores urbanos, somente a prefeitura municipal de Uarini e a Secretaria de Estado da Produção Rural – SEPROR ajudam de alguma maneira, a produção agrícola no município. A Prefeitura possuía o *Projeto Ajuri* que tinha como objetivo fundamental, distribuir pequenos ranchos, entre os produtores, para a realização da plantação e/ou da colheita da mandioca de forma coletiva, hoje, porém esse projeto não existe mais em decorrência de desentendimentos da atual gestão municipal com a direção da Associação dos Produtores Rurais do município de Uarini (AMPROU), a ajuda da prefeitura se resume ao fornecimento de um caminhão para o transporte dos agricultores até seus roçados, porém esse caminhão hoje se encontra em manutenção obrigando os agricultores procurarem outro jeito para se locomoverem até seus roçados. Em relação a SEPROR, verificamos que ela possui participação muito pequena na produção de farinha no

município, se resumindo a alguns financiamentos, via IDAM, e somente para alguns dos agricultores entrevistados.

Percebemos, então, em Uarini, que a participação do poder público na produção agrícola do município é pouco significativa. Contudo, e isso não pode ser menosprezado, a grande reivindicação dos agricultores de Uarini seria receber sementes para incrementar seus diferentes plantios. Na ausência do poder público, utilizam sementes por eles mesmos cultivadas nos seus terrenos, como também utilizam sementes doadas pelos vizinhos. No limite, acabam comprando uma parte delas no mercado.

Outra ausência de ação do poder público, com relação à produção agrícola no município, diz respeito ao beneficiamento dos seus produtos – principalmente, embora não exclusivamente, a farinha de mandioca. Não há nenhum tipo de recurso público direcionado ao beneficiamento dos produtos no município. Como Uarini é um grande produtor de mandioca e do seu principal derivado, a farinha, toda a cadeia produtiva envolvendo a sua produção se dá sob a responsabilidade dos seus produtores.

A produção de farinha tem, em Uarini, um grande papel social e econômico na vida do município. Embora o município seja um grande produtor de farinha – e uma farinha com grande reconhecimento social dadas às suas qualidades – quase nada mudou no processo da produção realizado pelos agricultores, ou seja, não ocorreram mudanças tecnológicas na sua forma tradicional de produzi-la. A forma de produção da farinha continua praticamente inalterada.

Apesar dos progressos tecnológicos ocorridos nas atividades agrícolas, em geral, os processos de produção na fabricação da farinha pelos agricultores urbanos, são fundamentalmente os mesmos utilizados pelos seus ancestrais diretos – os ameríndios da várzea e/ou terra firme. A única inovação verificada, além do forno que não é de argila, mas de chapa de ferro, é o emprego de motores à explosão (motores à gasolina) e/ou motores a

diesel. No entanto, poucos possuem esse tipo de motor. Esses motores, pelo fato de serem mercadorias de custo elevado, assim como sua manutenção também implicar dispêndios adicionais, são, em geral, de propriedade coletiva.

Como indica a literatura sociológica regional (WITKOSKI, 2007), no que diz respeito à comercialização dos produtos dos agricultores urbanos, a questão central que se coloca é a seguinte: é possível pensar a vida dos agricultores de Uarini sem a presença organizada de um poder econômico no campo ou no espaço da cidade? Apesar da facilidade da resposta, essa indagação carrega consigo um conjunto complexo de determinações e significados. A relação do agricultor urbano de Uarini com esse poder organizado, que pode ser encontrado na própria comunidade a que pertence e/ou na cidade, é marcada por dilemas de natureza diversa. Sabemos que a unidade de produção familiar produz essencialmente – embora não exclusivamente – para a subsistência. Essa é uma das faces – talvez a sua principal face – dos agricultores urbanos. Mas ela não produz tudo de que necessita – daí a inevitabilidade de o agricultor ter que recorrer ao mercado, seja ele no local de moradia, na comunidade, na sede do município, na cidade de Manaus, etc. Assim, um dos problemas vitais da produção da farinha, em Uarini, relaciona-se direta e indiretamente com o problema da comercialização.



Figura 16 – Casa de comercialização da produção de farinha em Urini.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009

Neste sentido, torna-se fundamental a atuação da AMPROU como um instrumento integralizador e de ajuda aos agricultores do município, sendo que, através dela é possível que alguns problemas relacionados à produção da farinha como a comercialização da produção, possam ser amenizados ou até mesmo resolvidos. Notamos que grande parte dos agricultores urbanos não participa de nenhum tipo de associação ou não participam mais (39%), Entre aqueles que participam de alguma associação verificamos que a AMPROU é associação que mais foi citada (35%), seguida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais com 22%

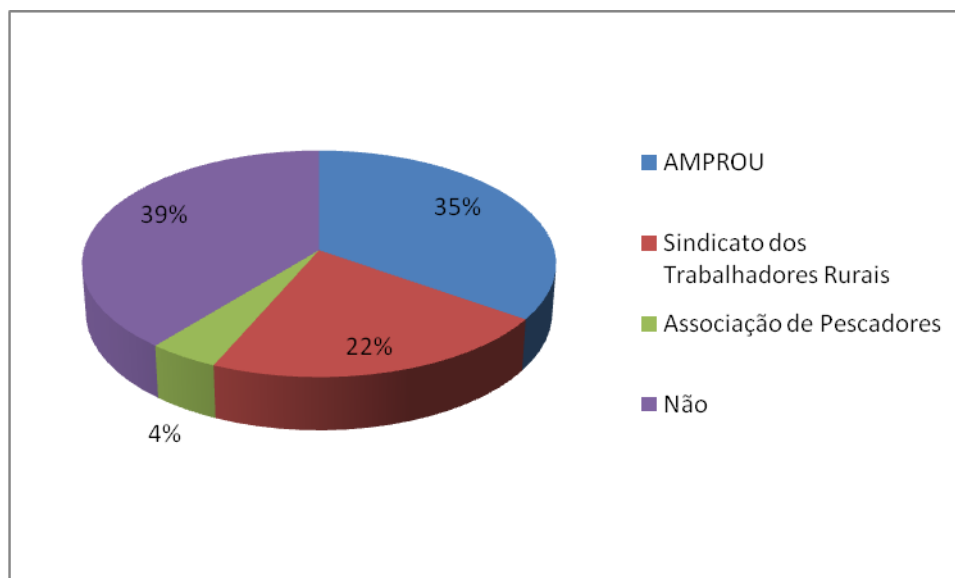


Figura 17 – Associações na qual os agricultores participam (%).

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

A AMPROU, entre outras funções, por exemplo, deverá construir sede própria para poder desenvolver, com competência, o trabalho social e político organizativo dos seus atuais membros assim como dos membros que naturalmente surgirão com a uma possível ampliação do seu quadro. É natural que a AMPROU venha a incorporar novos membros em razão de sua natureza social. Supondo que a mesma não consiga manter-se como Associação e, ainda, criar a Cooperativa Agroextrativista do Uarini (COOAU), ela, a AMPROU, deverá necessariamente transformar-se em cooperativa, noutras palavras, metamorfosear-se na Cooperativa Agroextrativista do Uarini (COOAU);

A criação da Cooperativa Agroextrativista do Uarini (COOAU), a partir da AMPROU, formada fundamentalmente por agricultores familiares, é essencial na consolidação política dos agricultores e terá como objetivo apoiar tanto as populações de terra firme quanto os ribeirinhos do município de Uarini no cultivo da mandioca visando à produção da *Farinha do Uarini*. O objetivo precípua da Cooperativa Agroextrativista do Uarini, supondo que ela seja criada, já que é necessária para o desenvolvimento dos agricultores será o de incentivar esses agricultores, através da comercialização de seus produtos e de sua capacitação em técnicas que lhe propiciem variar, intensificar e aprimorar cada vez mais sua produção. Além disso, a

Cooperativa Agroextrativista do Uarini deverá desenvolver o conhecimento processual (now-how) da industrialização, embalagem e transporte que garantem a qualidade da farinha. Para seu sucesso efetivo, a Cooperativa Agroextrativista do Uarini deverá fazer parcerias com o Ministério do Meio Ambiente e ONGs nacionais e internacionais visando à melhoria constante de suas instalações, maquinário, formação de mão-de-obra e desenvolvimento dos produtos, buscando qualidade desde a semente até a mesa do consumidor.

Um dos meios em que é possível garantir qualidade e ainda mais credibilidade a marca *farinha do Uarini* seria conseguir, por meio da AMPROU, o selo da farinha do Uarini, algo que é muito desejado pelos agricultores de Uarini. Sendo que há alguns impedimentos de nível técnicos que impedem que os agricultores urbanos consigam o tão sonhado selo da Farinha do Uarini, que viria para transformar - lá realmente numa grande marca símbolo de qualidade e originalidade.

A consecução do Selo da Farinha do Uarini – através da certificação via Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) – é da maior importância para os agricultores urbanos de Uarini. A obtenção do Selo da Farinha do Uarini, pelos membros da AMPROU, além de buscar eliminar a pirataria que ocorre hoje com a farinha produzida no município de Uarini, propiciará a agregação de valor para todos os produtores envolvidos na sua produção.

Porém, para conseguir tal selo, é preciso, além de resolver os problemas técnicos, um fortalecimento político e econômico considerável da AMPROU, para que assim ela possua forças suficientes para almejar os tão sonhados desejos e ambições dos agricultores urbanos, entretanto esse fortalecimento só virá se juntamente com ele vier uma consciência coletiva por parte dos agricultores urbanos de que a manutenção e fortalecimento da AMPROU dependem, não exclusivamente, do sentimento de união dos agricultores urbanos de Uarini.

Podemos citar outros problemas enfrentados pelos agricultores urbanos de Uarini que acabam enfraquecendo a prática da produção de farinha, mesmo essa produção sendo

bastante considerável a ponto de Uarini ser o maior produtor de farinha do estado.

Questão não menos relevante para os agricultores urbanos de Uarini é a pavimentação dos 7 km restantes da estrada Agrícola Uarini/Copacá – que facilitaria bastante a produção da farinha, do extrativismo vegetal madeireiro e não madeireiro (por exemplo, castanha) e animal, etc., assim como o seu escoamento.

A pavimentação dessa estrada se mostra como fundamental para os agricultores urbanos almejar os seus sonhos, já que, com a pavimentação da parte que ainda está sem asfalto, significa que eles terão melhores condições de realizar o transporte de suas residências até o local onde a plantação é realiza. Com isso, conseqüentemente, a produção também aumentaria, fazendo com que houvesse um desenvolvimento econômico e social dos agricultores urbanos.

Aliás, o problema agrário também é uma questão muito importante na vida dos agricultores urbanos de Uarini. Um dos grandes dilemas das populações locais diz respeito à titulação de suas terras ou das áreas nas quais trabalham. Em Uarini, não é diferente, mesmo que os locais onde moram sejam seus legalmente, as áreas onde trabalham não são.

Isso é um problema enfrentado pelos agricultores urbanos já há alguns anos, a falta de titulação de suas terras, sendo que, com isso, não conseguem financiamentos ou outros tipos de benefícios para aumentar e melhorar sua produção de farinha. Para complicar ainda mais a situação dos agricultores, as áreas onde eles produzem são tituladas em nome de duas pessoas, ou seja, de uma determinada óptica, os agricultores urbanos são vistos como invasores.

Os agricultores urbanos – que trabalham ao longo da estrada Uarini/Copacá, mas moram na cidade de Uarini – procuram consolidar, através da força do associativismo local, os seus “direitos legais” da posse e do uso da terra para usá-la como terra de trabalho. Os conflitos entre os agricultores – os “agricultores urbanos” residente em Uarini, com os

proprietários das terras onde os demandantes de terra de Uarini cultivam a mandioca visando à produção da farinha para sua subsistência e a comercialização, vêm, cada vez mais, tornando-se um caso modelar de injustiça social com relação ao direito da terra para quem nela trabalha – o que tem engendrado conflitos com violência. Os problemas fundiários dos agricultores urbanos de Uarini é um assunto bastante complexo que não vai e nem pode ser esgotado aqui, sendo necessário também ser discutido em outro momento com mais fôlego.

As dificuldades encontradas pelos agricultores acabam fazendo com que muitos deles possuam outras atividades produtivas que desenvolvem paralelamente à produção da farinha, como o extrativismo e a criação de animais, ou até mesmo atividades consideradas “urbanas” como pequenas comércios, serviços terceirizados para os órgãos públicos como a prefeitura municipal. Neste sentido, vemos que, mesmo que tenham que desenvolver outras atividades, eles se identificam como agricultores devido à grande influência que a produção de farinha exerce na vida dos Uariniense.

Além da falta de perspectiva de futuro, malograda pelas impossibilidades das promessas da cidade, os agricultores urbanos de Uarini sofrem por não terem condições ordinárias de escoar a sua produção, em razão de não possuírem transporte seguro e eficiente. Com chuva ou com sol, todo o escoamento de sua produção ocorre em uma estrada com péssimas condições, tendo os produtores que enfrentar a lama com o peso de sua produção nas costas. Nessas condições, os produtores locais foram induzidos a constituir relações assimétricas na esfera da comercialização, tornando-se vítimas dos regatões e/ou atravessadores² que lhes roubam todo o tempo de trabalho socialmente necessário à sua

² É de domínio comum que o atravessador é aquele que intermedeia uma negociação, comprando mercadorias abaixo do preço para revendê-las, com isso obtendo excedente econômico. Witkoski (2007) faz referência à existência de agentes de comercialização com os quais os camponeses amazônicos mantêm relação de troca, mencionando entre estes o marreteiro, o marreteiro-de-feira e o regatão. Dentro da categorização marreteiro-de-feira, o autor explica que pode se tratar de um camponês que dispõe de mais recursos que os outros e, por isso, arrebanha os produtos de um grupo de camponeses e, possuindo uma embarcação, faz com que os produtos cheguem às feiras livres para serem comercializados. Em algumas situações, o marreteiro-de-feira é, efetivamente, intermediador da compra e venda dos produtos, mas, em outros casos, vende os seus produtos e dos outros camponeses, sem que, nesta relação, haja a conotação de intermediação.

produção, definindo, em geral, o preço da produção e dos serviços sociais de que eles necessitam.

3. Agricultores Urbanos e sua importância para Uarini

3.1 A agricultura no contexto urbano e rural

Qual o papel dos agricultores urbanos para a vida em Uarini? Primeiramente é importante dizer que Uarini mesmo sendo considerado pelos órgãos do governo como o IBGE um município urbano, possui características que remetem a vida no mundo rural, principalmente aquelas que estão relacionadas às hábitos e costumes da sua população, que envolvem tanto os agricultores urbanos como a população em geral do município.

È comum, principalmente entre os municípios do interior do Amazonas, encontrar essa relação entre urbano e rural dividido por uma linha tênue, quase imperceptível, às vezes, até mesmo, um entrando no mundo do outro. Em várias dimensões da vida material e simbólica dos moradores da cidade podemos ver essa ligação entre mundo rural e urbano.

Os agricultores de Uarini se consideram, primeiramente como moradores urbanos, pois vivem na sede da cidade. Isso é uma característica comum em quase todos os municípios do Amazonas, para os moradores locais há uma clara diferença entre moradores urbanos, que são aquele que moram na sede do município, daqueles que moram na zona rural do município, que são os moradores rurais. Essa divisão entre os moradores locais representa uma maneira de se identificarem perante os outros, eu sou urbano e você é rural.

Porém, sabemos, que na verdade essa divisão não é tão clara e fácil de ser compreendida como parece. Ela engloba diversos fatores sociais, econômicos e culturais que devem ser levados em consideração quando for feita uma análise sobre esse assunto.

È comum vermos essa autodivisão em cidades pequenas, como Uarini, onde ainda há

como diferenciar um do outro, mesmo que não completamente. Em cidades maiores como Manaus, onde a taxa de urbanização é bastante elevada, essa divisão praticamente não existe, pois quase não há população que more em áreas consideradas rurais, salvo algumas exceções.

Neste sentido, com a população se considerando urbana, pelo fato de morar na sede do município, e ao mesmo tempo, se considerar agricultores por ter na agricultura sua principal fonte de renda, acaba se mostrando como um dos fatores principais para considerá-los como agricultores urbanos.

No texto clássico de Sorokin e Zimmermann (1986), o autor coloca alguns pontos que podem servir de base para essa diferenciação entre sociedade urbana e sociedade rural, entre esses pontos podemos destacar a ocupação, no caso a atividade produtiva; também o fato de que sociedade rural e a sociedade urbana se caracterizam por uma diferença ambiental; outra diferença diz respeito ao tamanho das comunidades, outra distinção fundamental é a que se refere à homogeneidade e heterogeneidade dos integrantes da sociedade rural e urbana; por último o autor coloca a questão da mobilidade que pode ser horizontal ou vertical.

Hoje, esse ponto de vista de Sorokin e Zimmermann é bastante criticado, pelo fato de não ser mais capaz de explicar as diferenças nas sociedades atuais, já que segundo Solari, “esses critérios anteriormente citados somente são válidos para uma estrutura sociocultural determinada, e que não pretendem sê-lo pra mais de uma.” (Solari. 1976).

Neste sentido Solari afirma:

Isto é, comparando-se sociedades nacionais diferentes, é possível em uma encontrar comunidades rurais mais complexas do que comunidades urbanas de outra; mas em compensação, tomando-se determinada estrutura sociocultural, as diferenças mencionadas anteriormente sempre serão encontradas (SOLARI, 1976)

Com esses argumentos, podemos perceber, que em Uarini devido as suas singularidades não é possível definir com clareza o que é urbano daquilo que é rural, pois

ambos andam lado a lado.

O trabalho se mostra como um dos fatores fundamentais para a construção desse conceito, no sentido de que, adotando a perspectiva descrita acima, podemos considerar os agricultores de Uarini como urbanos, por morarem na zona urbana do município, entretanto, ao mesmo tempo, podem ser considerado rural, pelo fato de terem na agricultura, uma atividade genuinamente rural, sua principal atividade econômica.

Esse visível e complexo paradoxo se mostra como uma questão que apresenta grandes dificuldades para ser respondida, se é que ela pode ser respondida. Optamos por assumir uma posição em relação a esse ponto, no sentido de caracterizar os agricultores de Uarini como agricultores urbanos, vale reafirmar que essa categorização ainda carece de mais debate, já que é uma categoria nova, com isso esse relatório pretende trazer esse tema para discussão.

É nas pequenas comunidades onde a divisão entre urbano e rural é mais ou menos percebida, mesmo que não na sua plenitude. Uarini na verdade, se configura como uma grande comunidade rural, para seus habitantes eles são urbanos, já que moram na sede da cidade, porém seus hábitos e costumes, suas representações a cerca do mundo material e simbólico são típicas de uma sociedade rural, muitas derivadas de suas origens rurais, ou que são passadas pelos pais, ou mesmo pelo contato bastante próximo com a zona rural do município.

Pensando as representações nesse sentido, com um dos fatores que influencia na identificação social dos moradores de Uarini, Minayo nos explica:

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamentos que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. (MINAYO, 1994)

Através das representações sociais é possível compreender como são construídos os significados que determinam a identidade social dos moradores de Uarini, sejam eles

agricultores ou não. Com isso podemos, em relação aos agricultores, compreender parcialmente como iniciamos a construir a categoria de agricultores urbanos, considerando principalmente a agricultura como um fator decisivo para formular essa categoria, fato que discutiremos mais adiante.

3.2 A farinha do Uarini como uma dimensão cultural, o caso da Festa da Farinha.

Constatamos que as atividades socioprodutivas desenvolvidas pelos agricultores urbanos estão relacionadas com a sua história, com seu modo de vida e as condições sociais que os levaram a essa situação. O trabalho desenvolvido na agricultura familiar – o trabalho individual/coletivo realizado nas terras onde trabalham, é respaldado pelas dimensões simbólicas da vida local – isto é, pelos aspectos socioculturais. O cultivo da mandioca e a produção artesanal da *farinha ova* ou *farinha do Uarini* são um exemplo de como os processos de trabalho são mediados pelas relações de sociabilidade e aspectos socioculturais que configuram um modo característico de apropriação dos recursos naturais disponíveis para a reprodução do modo de vida local. Vivendo da produção da farinha para sua subsistência e comercialização, do extrativismo madeireiro – muitas vezes praticado sem plano de manejo – do extrativismo animal (pesca visando à subsistência) e do extrativismo vegetal (coleta de castanha), os agricultores de Uarini procuram deixar manifesto o desenvolvimento de suas práticas produtivas como única alternativa de vida e fonte de renda, já que a cidade não oferece as condições necessárias à empregabilidade de todos e, muitos menos, à prestação de serviços disponíveis em sua sede.

A polivalência é uma característica não só desses agricultores, mas também, do amazônida em geral, habituado a aproveitar todos os recursos naturais que a natureza possa oferecer, sem desprezar nenhuma das condições naturais disponíveis.

Sua prática fica evidente nas atividades socioprodutivas que desenvolvem: o plantio da mandioca, visando à produção da farinha, o extrativismo de produtos madeireiros (construção de benfeitorias), o extrativismo não madeireiro (coleta da castanha) e extrativismo animal (precipuamente a pesca, e secundariamente a caça). Esse conjunto de atividades lhes dá legitimidade de se autoafirmarem agricultores polivalentes e, ao mesmo tempo, lhes dá legitimidade para demandar terras visando nela trabalhar e promover sua reprodução social. Porém isso não impede o amazônida de se autointitular agricultor, ou pescador ou mesmo extrator.

Essa polivalencia produz várias identidades para o agricultor de Uarini, neste sentido HALL falando sobre identidade afirma que:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades... O próprio processo de identificação através do qual projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1997).

Logicamente, o autor não está falando sobre as várias dimensões da vida produtiva dos agricultores de Uarini, porém podemos fazer essa ligação entre o sujeito analisado por Hall com os agricultores urbanos, já que os agricultores não possuem mais uma identidade unificada e estável.

No estado do Amazonas, assim como em outros estados do Brasil, a grande maioria dos municípios se autointitulam como a “terra de alguma coisa”, por exemplo, Manicoré a “terra da melancia”, Autazes a “terra do leite”, Parintins a “terra do boi”, esses alguns exemplos de municípios do Amazonas. Essa autoidentificação tem a ver particularmente com o principal recurso que o município pode oferecer, quase sempre são esses recursos que movimentam a economia desses municípios. Além disso, essa autointitulação serve também para criar uma identidade própria dentro do estado, para se diferenciar de outros municípios, uma maneira de se autoafirmarem e de criar uma identidade municipal.

Uarini é conhecida dentro do estado como a “terra da farinha” devido à grande quantidade produzida pelo município e principalmente pela excelente qualidade que a Farinha do Uarini apresenta devido à maneira quase artesanal como é fabricada já comentada anteriormente, fazendo com que seja considerada a melhor farinha produzida no estado.

Neste sentido, verificamos que não só a economia local, mas também, a vida cultural dos habitantes de Uarini gira em torno da produção e comercialização da farinha, fazendo com que a grande maioria dos moradores do município, de alguma forma, tenha envolvimento em algum momento com a produção de farinha no município, seja no momento da plantação da mandioca ou na produção da farinha ou mesmo na comercialização do produto.

Sendo que boa parte dos moradores de Uarini, não só entre os que moram na sede do município, mas também, os que moram na zona rural, cultivam mandioca para produzir a farinha, fazendo com que se auto-identifiquem como agricultores, já que a principal atividade produtiva deles é realmente a produção da farinha. Como aqui analisamos os produtores de farinha que moram na sede urbana do município então podemos dizer que eles também se autoafirmam como agricultores, no caso, agricultores urbanos.

Nesse contexto, não podemos esquecer que a *Festa da Farinha*, que ocorre no município, é o seu maior evento cultural, talvez represente a maior forma de influência da produção de farinha para a vida não só econômica como também cultural no município de Uarini, a festa leva tradicionalmente milhares de pessoas à Praça Jeocunda Sevalho Lopes. Nesse sentido, a *Festa da Farinha* deve ter calendário fixo nas atividades culturais do município, para que, assim, de alguma maneira, os órgãos públicos locais tenham obrigação em realizá-la, além disso, ela precisa ser (re) potencializada material e simbolicamente, influenciando a própria produção da farinha e dos seus derivados, aliás, muito pouco aproveitados também na agregação de valor.

Durante a festa da farinha que ocorre anualmente em Uarini, são realizados vários eventos no município que buscam promover não só a produção de farinha, mas também, outros derivados da mandioca como bolos, doces, e salgados feitos com a mandioca como matéria prima principal, além de ocorrerem disputas entre os agricultores como a maior mandioca, a melhor farinha, o melhor bolo entre outros, ainda há a tradicional disputa pelo título da rainha da festa da farinha, título disputado entre as mais bonitas moradoras do município, além de eventos esportivos.

Porém, um grande problema que os agricultores sofrem diz respeito a não utilização dos derivados da mandioca, visto que a farinha é o único produzido numa quantidade comercializável e conseqüentemente produzindo renda para os agricultores urbanos.

Muitos subprodutos da mandioca como o tucupi (líquido extraído da massa da mandioca bastante apreciada na região) são deixados de lado por não possuírem o mesmo apelo comercial que a farinha possui. Dessa maneira, ele e outros subprodutos são praticamente perdidos, utilizados quase que exclusivamente para o consumo familiar. A agregação de valor e até mesmo o incentivo por parte dos órgãos públicos locais como a Prefeitura e o IDAM, para a produção e comercialização desses produtos poderiam ser muito importantes para o agricultor urbano, já que seria uma fonte de renda extra, ou seja, a farinha deixaria de ser a única fonte de renda da produção da mandioca.

A festa da farinha tem uma importância fundamental na vida não só dos agricultores urbanos, mas também, na vida da população de Uarini em geral. Ela representa um momento de integração da população, quando toda a população do município, juntamente com a prefeitura se mobiliza para realizar uma grande festa, que é conhecida em todo estado.

Como eu falei pra você, ela [a farinha] é uma das fontes de renda, eu acredito assim, se acabar, a farinha aqui, porque como eu falei, já tem outros municípios aqui que já levam a farinha e vendem como se fosse aqui do município, com isso ela acabou entendeu, ai ela vai desvalorizando, por isso

ela [a festa] é muito importante, pra que ela possa continuar conhecida, aqui dentro do estado e fora também.(H. R; Diretora de cultura da SEMED,2010)

A festa representa simbolicamente uma autoafirmação como o município que produz a melhor farinha do estado do Amazonas, além de tornar conhecida qualidade da verdadeira farinha do Uarini, isso é importante para o município visto que a farinha do Uarini vem sendo, nos últimos anos, pirateada. Pensando nisso, a consecução do Selo da Farinha do Uarini – através da certificação via Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) – é da maior importância e é uma questão que se relaciona diretamente com a vida dos agricultores urbanos.

A obtenção do Selo da Farinha do Uarini pelos membros da AMPROU, além dos benefícios já comentados anteriormente, tentaria eliminar a pirataria que ocorre hoje com a farinha, além de que, propiciará a agregação de valor para todos os produtores envolvidos na sua produção.

Economicamente, a festa representa uma época de grande fatura para o município, no qual a relativa circulação financeira que ocorre no município representa uma época bastante esperada para os agricultores que poderão vender seus produtos para os visitantes que vão para Uarini prestigiar a festa; também é bastante esperada, principalmente pelos comerciantes locais em geral que, com o grande fluxo de pessoas no município, acabam também faturando muito com os visitantes.

Conclusão

A condição de existência dos agricultores urbanos do município de Uarini, apresentadas nesse relatório, nos possibilitou – além de uma descrição da constituição do modo de vida local e de suas atividades socioprodutivas – traçar o perfil social dos agricultores e das práticas agrícolas de Uarini, principalmente às voltadas para a produção da farinha de mandioca.

Entretanto, como já afirmamos anteriormente, mesmo com toda a diversidade encontrada em Uarini em relação à uma gama de atividades produtivas, existem alguns fatores que fazem com que a autoidentificação como agricultor seja mais forte do que qualquer outra categoria.

Já a categoria agricultores urbanos que utilizamos nesse artigo não é uma categoria consolidada utilizada no meio científico, pelo contrário, é uma categoria relativamente nova na literatura que carece de uma discussão e definição mais profunda e que leve em consideração todas as características possíveis das populações assim identificadas, já que, mesmo que tenha a palavra “urbana” no nome, o contato com o mundo rural é bastante forte.

A identificação dos agricultores com o mundo rural é indiscutível e resulta da forma como estes agricultores urbanos constroem suas vidas, desenvolvem seus trabalhos, percebem suas necessidades e respondem às diferentes situações da vida. O trabalho, elemento constitutivo dos modos de vida, é um dos principais responsáveis por tal identificação.

Através da agricultura, mas especificamente através da produção de farinha, verificamos qual o papel social dos agricultores urbanos para o município de Uarini, e sua importância como agente econômico e social para a vida em Uarini.

A agricultura tem uma importância extremamente grande no município, podemos dizer que toda a economia local gira em torno de dois pontos, primeiro, o funcionalismo público, que comumente em vários municípios do interior do estado, representa a principal

fonte de renda da população, mesmo não abarcando toda a população. E a segunda é a agricultura, através da produção de farinha, sendo que os agricultores de Uarini representam cerca de 90% da população, mesmo que, ao mesmo tempo, realize outras atividades paralelas a agricultura.

CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2009					2010						
01	Levantamento bibliográfico	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
02	Pesquisa de campo				R			R	R				
03	Entrevistas semi-estruturadas e formulários							R					
04	Análise dos dados parciais					R							
05	Elaboração do relatório parcial					R	R						
06	Elaboração final do relatório										R		
07	Elaboração do Resumo e Relatório Final											R	
08	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												P

Legenda:

R - Realizado

P - Previsto

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, Pós-fácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- COELHO, R. F. *Ribeirinhos urbanos: modos de vida e representações sociais dos moradores do Puraquequara*. Dissertação de mestrado. Manaus: UFAM, 2006.
- ENDLICH, A. M. Perspectiva sobre o urbano e o rural. IN: SPOSITO, M. E. B. E WHITACKER, A. M. (org.) *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. 1 Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2006.
- FREITAS, R. P. O migrante rural e a reconstrução da identidade e do imaginário na cidade. In: Oliveira J. A. *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*. Manaus: EDUA, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. Ed. 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Demográfico, 2000.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LIMA, Deborah de Magalhães. *A Construção Histórica do Termo Caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio amazônico*. Novos Cadernos NAEA, vol. 2, n. 2, dezembro, 1999.
- MAGNANI, G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, G. C. (org) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP, 1996. pp. 15-53.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de e MARQUES, Marta Inez Medeiros (org.) *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NODA, S. N. et al. O trabalho nos sistemas de produção de agriculturas familiares na várzea do estado do Amazonas. In: NODA, H.; SOUZA, L.G.; FONSECA, O. J. M. (Ed). *Dois décadas de contribuição do INPA à pesquisa agrônômica no trópico úmido*. Manaus: Inpa, 1997.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades na Selva*. Manaus: Valer, 2000.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção Primeiros Passos).

Solari, Aldo B. O objeto da sociologia rural. In: Szmrecsány, T.; Queda, Oriowaldo. *Vida rural e mudança social*. São Paulo: Editora Nacional, 1976

SOROKIM, Pitirim A., ZIMMERMAN, Carlo C., GALPIN, Charles J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, pp. 198-22.

SOUZA, J. N. C e PRATA, B. A. e NOBRE, E. F. *O desafio da gestão de infraestrutura urbanas para o desenvolvimento sustentável das cidades*. EDUFE: Fortaleza, 2005

TORRES, Iraildes Caldas. *Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia*. Somanlu. Ano 4, n. 2. jul./dez. Manaus: Edua/Capes, 2004.

WAGLEY, C. *Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Trad. Clotilde da Silva Costa. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1988.

WITKOSKI, A. C. *Terras, floretas e água: O mundo camponês*. In: *Terras, florestas e águas trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007.

WOORTMANN, Ellen F. O saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de e MARQUES, Marta Inez Medeiros (org.) *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.